



A VOZ ROUCA

que não se cala

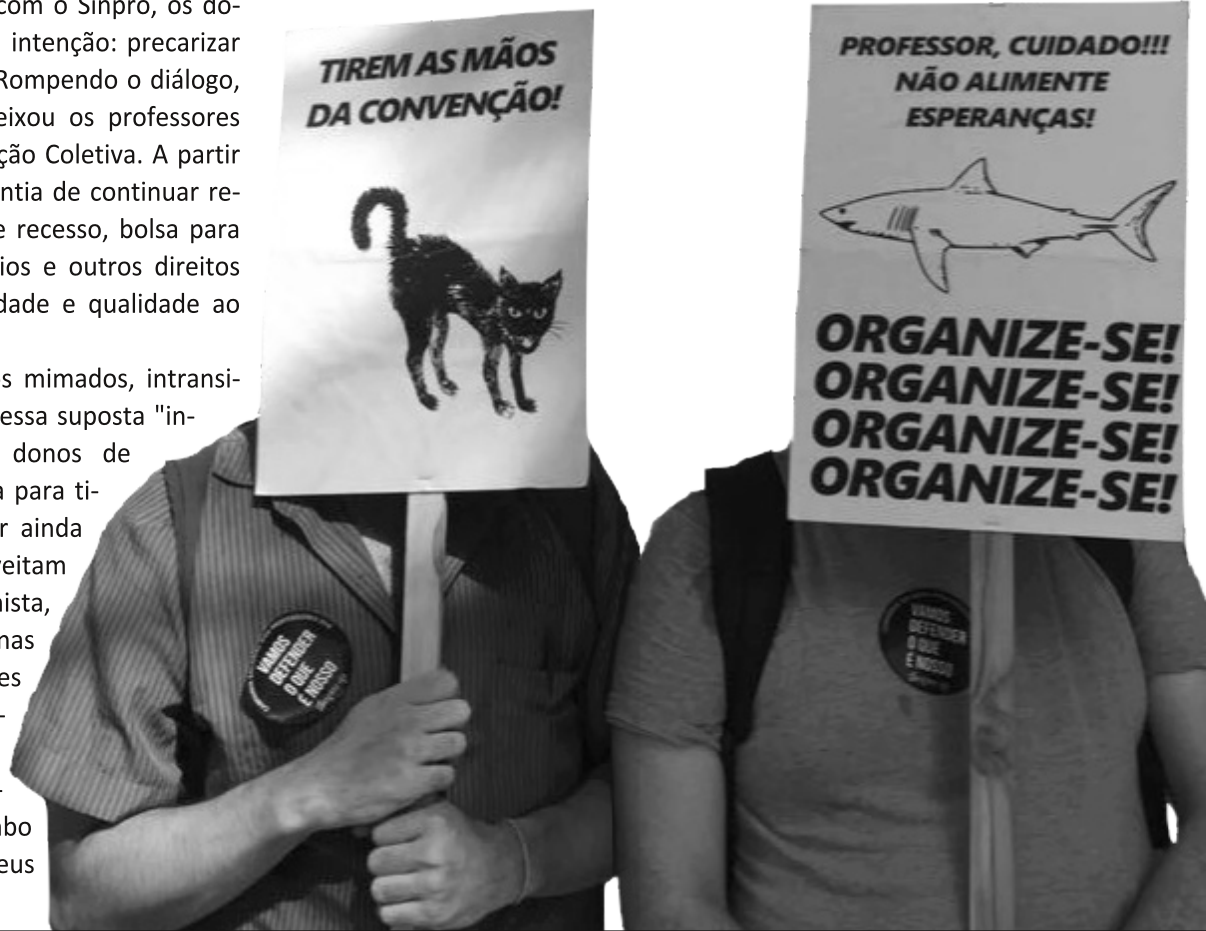
#12

f A Voz Rouca

Patronal corta negociações: professores sem convenção!

Ao abandonar as negociações com o Sinpro, os donos de escola deixam clara sua intenção: precarizar nossas condições de trabalho. Rompendo o diálogo, Sieceesp (entidade patronal) deixou os professores da rede particular sem Convenção Coletiva. A partir do dia 02/04, perdemos a garantia de continuar recebendo hora-extra, 30 dias de recesso, bolsa para filhos, semestralidade de salários e outros direitos que dão um mínimo de dignidade e qualidade ao nosso trabalho.

Seriam nossos patrões meninos mimados, intransigentes? Na verdade, por trás dessa suposta "incapacidade de dialogar", os donos de escolas revelam uma estratégia para tirar nossos direitos e aumentar ainda mais seus lucros. Eles se aproveitam de que, com a reforma trabalhista, as garantias conquistadas nas convenções dos anos anteriores não continuam valendo automaticamente. Com isso, caso haja um impasse nas negociações, a categoria cai num limbo onde só vale a "Nova CLT" e seus perigosos acordos individuais.



Quem garante nossos direitos: um juiz ou nossa mobilização?

O Sinpro tem apostado seus esforços na justiça em busca de uma resolução favorável – mas a perspectiva é incerta, porque somos a primeira categoria a enfrentar um dissídio após a reforma trabalhista. O que for decidido para nós será modelo para futuras decisões em outras categorias.

Não podemos ficar parados esperando que a salvação venha dos tribunais. Só com mobilização conseguiremos garantir os direitos conquistados. **Estamos em Estado de Greve!** Além de ir às assembleias do Sinpro, precisamos criar formas de nos mobilizar

em nossas próprias escolas, alertando mais colegas sobre a situação e encontrando maneiras de pressionar as direções.

No fim de março, os professores do Colégio Equipe organizaram um evento sobre os ataques à convenção aberto a colegas de outras escolas. O evento lotou: reuniu quase cem pessoas, e terminou com uma reunião para articular a luta entre as várias escolas presentes, de forma horizontal. Desde então, essas reuniões "inter-escolas" têm ocorrido semanalmente e servido para traçar estratégias de mobilização – como

atos públicos e conversas para ganhar apoio dos pais e comunidade.

O exemplo da rede municipal

A recente vitória dos professores e demais servidores públicos municipais – guardadas as diferenças das categorias – mostrou que é possível vencer a intransigência de quem quer arrancar mais lucro às custas de mais exploração dos trabalhadores. 100% das escolas aderiram à greve e marcaram presença em atos que constrangeram os vereadores a não votar pelo confisco salarial que o Sampaprev representava.

A luta pela convenção diz respeito aos assistentes?

Em muitas escolas, têm surgido dúvidas sobre a participação de estagiários e auxiliares nas mobilizações. Isso acontece porque a estrutura sindical nos separa, como se fôssemos diferentes dos professores. Na prática, trabalhamos juntos na sala de aula, porém a grande maioria das escolas burla a lei e a Convenção Coletiva do Sinpro – que vale para todos que exercem papel

pedagógico dentro de sala – ao registrar os assistentes em cargos administrativos, com menos direitos. Esses cargos não teriam direito, por exemplo, ao recesso escolar. Mesmo assim, muitas escolas liberam os auxiliares junto com os professores em junho, nivelando o benefício por cima. Porém, se os professores perderem os 30 dias de recesso em sua convenção, os assistentes perderão também. Além disso, ninguém fica como auxiliar para sempre: em breve seremos todos professores, e por isso cabe a todos nós defender nossos direitos.

Relatos de organização

Colégio Sion

A mobilização está ocorrendo em todos os níveis da escola, do Infantil ao Médio. Os professores têm ido trabalhar de preto em todas as terças-feiras e entregaram uma carta à direção pedindo uma posição do colégio sobre a Convenção.

Colégio Pathernon

A luta dos professores por seus direitos cresce no Colégio Parthenon, em Guarulhos. Com o aparente acolhimento das demandas dos professores pela gestão, o grupo espera contagiar todos os segmentos, ampliando o movimento. Essa união é pela categoria e não apenas pela escola. Às terças-feiras, vestem preto e todos os dias discutem, abertamente, os absurdos da proposta patronal. Além disso, buscam apoiar e atuar junto ao Sinpro de Guarulhos contra as ameaças à Convenção. A próxima mobilização será no domingo, 15/04, no Parque Bosque Maia, às 10h, para reunir a categoria e a comunidade escolar para fortalecer a luta.

Teia Multicultural

"Tivemos uma reunião entre o corpo docente e a direção da escola referente à Convenção Coletiva. Os professores seguem se posicionando contra a proposta do Siseesp e a direção também entende que as perdas de direitos são prejudiciais à categoria. Sinalizamos estratégias alternativas, como um debate com a comunidade escolar, a ser chamado nesta sexta-feira. Conseguimos ainda abrir um espaço de negociação mensal com a direção, na qual pretendemos pautar essas e outras questões trabalhistas."

Escola Viva

Em meio a tantas afrontas aos professores, foram alunos que roubaram a cena na Viva. Conforme orientação do sindicato, os professores vestiram preto nas últimas terças. Mas a novidade foi a participação dos alunos do 9º ano, que decidiram por conta própria usar o preto da manifestação em vez do uniforme, escrever cartas e espalhar cartazes pela escola a favor da luta pela educação, expressando que retirar as condições mínimas do docente é atacar a qualidade do ensino.

Escola Recreio

"Na realidade da Escola Recreio vimos a necessidade de levantar o debate sobre a convenção coletiva para além da equipe de professores. Somos uma escola de educação infantil que tem em seu quadro outros profissionais como auxiliares, estagiários e técnicas de apoio. Em conversa com o sindicato, descobrimos que estes profissionais, como todos os outros representados pelo Saaesp, também estão a mercê das negociações com o sindicato patronal, tendo direitos ameaçados em sua convenção. Diante disso, abrimos nossas conversas para toda equipe e temos conseguido nos mobilizar junto às auxiliares e auxiliares-estagiárias."

Alef Peretz

Na escola Alef Peretz, professores e auxiliares se organizaram para defender a Convenção da categoria. Além da adesão à cor preta em protesto contra a patronal, foram espalhados cartazes e cartas para esclarecer a categoria sobre a gravidade da situação. Estão se reunindo periodicamente para encaminhar novas ações.

As propostas dos donos dos colégios

- Bolsas de estudos** para só um filho, e só para professores com mais de 10 aulas semanais. Bolsa não cobre período integral e currículo extra;
- Poder aumentar a **duração da hora-aula** para mais de 50 min. (na prática, uma redução brutal de salários!);
- Fim do limite da **jornada do professor mensalista** (pode chegar a 44h);
- Parcelar férias** coletivas e diminuir o **recesso escolar** de 30 para 20 dias;
- Não pagar recesso a professor demitido no fim do ano;
- Demitir sem pagar **aviso prévio** e não pagar multa se atrasar a **homologação**. Só pagar indenização a demitidos após os 60 anos (hoje é aos 50);
- Escola fica isenta de justificar demissão por **justa causa**;
- Fim da **garantia semestral de salários** antes de 5 anos na escola;
- Fim do pagamento de adicional em municípios conurbados;
- Não pagar seguro de vida se professor "der causa" à própria morte;
- Possibilidade de **reduzir salário** e carga sem consentimento;
- Permitir **banco de horas** e compensação de feriados (para nunca mais pagar **horas extras**, nem janelas);
- Possibilidade de contratar para o mesmo cargo com **salários diferentes**;
- E outras coisas, como redução da PLR e da garantia pré-aposentadoria.

